

LITERATURA MEDIEVAL

Volume III

ACTAS DO IV CONGRESSO
DA
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de
AIRES A. NASCIMENTO
e
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa
1993

© 1993, **EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL**

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte

Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: **EDIÇÕES COSMOS**

1ª edição: Maio de 1993

Depósito Legal: 63840/93

ISBN: 972-8081-06-5

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa

Telefones: 795 51 40 (6 linhas)

Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa

Telefones: 342 20 50 • 346 82 01

Fax: 347 82 55

Narrativa e Castigo nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X — Aspectos dos Milagres de «Sanção Negativa»

João David Pinto-Correia

Universidade de Lisboa

A Giulia Lanciani e a Giuseppe Tavani, que muito me têm ensinado neste domínio da lírica medieval e noutras áreas do conhecimento, e a quem devo a honra de uma forte amizade.

0. Afonso X, o Rei Sábio, tem de ser considerado por nós, portugueses, como um dos exemplos dos enunciadores de poesia (e também de prosa) que mais souberam contribuir para uma decidida «estética» da Língua e Literatura Portuguesas. Nunca será demais lembrar que, sendo ele um autor / rei estrangeiro, ou, melhor, rei de Leão e Castela, fez a opção da língua portuguesa, como meio de registo da sua produção poética¹.

Mas, muito mais do que isso, é preciso acrescentar que tal escolha do galaico-português, na sua dimensão lírica e narrativa ou narrativo-dramática, foi por sua vez muito significativa: nela, quis o soberano estrangeiro registar muitas das suas vivências e intencionalidades, muitos dos seus objectivos literários, e diríamos mesmo (utilizando uma linguagem moderna ou, pelo menos, ao gosto de algumas das modas do século XX), muitos dos seus «fantasmas».

Na verdade, Afonso X utiliza o galaico-português para as múltiplas vertentes da sua prática poética: desde a lírica amoroso-confessional (cantigas de amor), satírica e erótica (cantigas de escárnio e maldizer) até aos poemas de louvor a Nossa Senhora (poemas de «loor») e aos poemas narrativos («milagres»)². Afonso X aparece-nos a nós, homens do século XX, como o exemplo do que poderemos designar de «Homem Completo», que subsume dimensões tão díspares como a místico-religiosa, a erótica, a crítica e a obscena (é evidente que estamos neste momento a simplificar todos estes esquemas de uma operacionalidade de vida e de escrita) — «Homem completo», que era o «homem medieval», com a coragem de se afirmar em domínios de actividade, pensamento e sensibilidade fundamentais, mas que não são apreciados no século XX, porque, hipocritamente, no caso dos eróticos e dos crítico-obscenos, considerados menores e vergonhosos³. Nos últimos séculos, talvez só um Bocage, poeta mais representativo do que a instituição literária parece fazer crer, possa aproximar-se dele, conforme o seu projecto, numa proposta de escrita em que o homem total se faz representar como sujeito e simulacro⁴.

1. Não há dúvida de que um dos domínios mais importantes da actividade poética de Afonso X (seja ele o produtor ou o compilador) foi o da escrita religiosa, a de louvor (as poesias de «loor») e a narrativo-miraculosa, nas suas *Cantigas de Santa Maria*⁵. São ao todo quatrocentos e vinte e sete poemas, a maior parte dos quais constitui uma das primeiras tentativas da introdução da narrativa artística em português⁶. Neste conjunto de «cantigas», quarenta (quarenta e duas mais precisamente)⁷ isto é, cerca de dez por cento, apresentam-se-nos, dentro das que poderemos chamar «narrativas», com a especificidade de os «milagres relatados» serem vistos pela «negativa». Em cada um desses relatos, há sempre uma sanção

que é o «castigo», como consequência do comportamento repreensível da principal personagem ou principais personagens, se bem que, por vezes, esta vá ou estas vão arrepender-se, merecendo o perdão da Virgem.

Como acontece com todos os «milagres» das *Cantigas de Santa Maria*, os elementos figurativos, ou seja os que dizem respeito à representação do mundo nos textos, são muito variados: as personagens ou, preferivelmente, os actores, são tirados de todas as condições sociais, e os espaços também convocam muitos dos lugares conhecidos na época, sobretudo os que concernem aos santuários mariânicos. Quanto ao tempo, encontramos desde o mais indeterminado ao relacionado com festas religiosas. Sublinhemos que as actividades, as condições, as situações, ao longo de toda a obra, não só satisfazem a nossa exigência de horizonte de narrativa ou de ficção, mas igualmente, como tem sido reconhecido por muitos estudiosos, nos tornam acessíveis documentos da vida quotidiana da Idade Média, imprescindíveis para uma correspondente «história das mentalidades» ou mesmo da história da «vida privada». É todo um vivo fervilhar de vultos e de acções que tornam a grande compilação afonsina, um vasto painel da existência do dia a dia e das categorias culturais da época⁸.

2. Atendo-nos ao *corpus* escolhido⁹, verificamos, nestas quarenta e duas composições, uma representação do mundo que discursiviza diferentes categorias de humanos. Assim, se o principal actor de alguns relatos pode merecer apenas a designação muito geral de «ome» ou de «moller» ou «dona», acontece na maior parte das vezes uma maior pormenorização¹⁰. Algumas vezes, encontramos, como sujeitos da «infracção», os «judeus» (no singular ou no plural), os «mouros» (um «gran poboo de mouros») e um «erege», por oposição aos fieis «crisçãos»¹¹; mas pode haver uma identificação de categoria social ou mesmo de actividade: «cavaleiros», «ome bõo», «escudeiro», «crerizon» ou «crerigo», «frade noviço» ou ainda «monja»¹².

Apontaremos também «aldeão», «mercadores», «vilão», «jogar», «tafur», um «jogar tafur», um «ome» «que jogava os dados», «cossarios do mar», «ladrões»¹³. É evidente que estes actores assim designados podem exigir «auxiliares» ou simples acompanhantes que sempre têm a ver com a situação em que se enquadram, alxilares que bem podem ser «a companna» de uma «dona» — «que yan en romaria» —, um «cavaleiro namorado», um «marido», um «entendedor», um «amigo» ou um «eemigo», um «fillo» ou um «minyo»¹⁴.

As actividades requerem igualmente «adjuvantes» que podem ser seres animados ou objectos. Entre os primeiros, citem-se os «babous que criam a seda» ou o «boy do aldeão de Segobia», uma «colmea» ou, ainda mais concretamente, as «abellas» do «erege de Tolosa»¹⁵; quanto aos objectos, há lugar para as «omagens», uma «ymagen de çera», a «prata» da «cruz», a «lãa», as «toucas», o «anel», até mesmo uma «çapata», aquela que foi dada a uma «moller» pelo seu «entendedor», ou «hũa baesta» por onde se atiram as «saetas», ou simplesmente uns «dados» de jogar¹⁶.

Os espaços muitas vezes apontam para os lugares sagrados, como «ygreja», «hermida» ou «mõesteiro» (por exemplo, a alusão ao «mõesteiro de Fontefria en Narbona») e ao «altar» e à «porta da eigreja»¹⁷, ou para-sagrados, como os que se aludem com a palavra «romaria»¹⁸. No entanto, dentro dos indeterminados, podem bem ser uma «vila» ou um espaço aberto¹⁹. O que interessa acrescentar é que os topónimos abundam: Toledo, «Segobia», «Monssarraz», Chartres, «Gasconna», Rocamador, Osca, Salas, Tolosa, Murça, «Monsarrat», «Tudia», Porto²⁰. Aliadas a estes, encontramos referências temporais: as acções são situadas em tempos litúrgicos, sobretudo os respeitantes às festas mariânicas: a «festa de Agosto» de Santa Maria em Toledo, a «romaria a Monssarraz», a «romaria de Santa Maria de Rocamador», romaria a Santa Maria de Salas e outras, como Santa Maria do Monte²¹. Neste aspecto da dimensão temporal, o mais frequente é uma geral indefinição, mas que deixa como pressuposta uma quase contemporaneidade dos milagres²², o que não deixa de ser um elemento fundamental para a estratégia da verosimilhança ou do contrato fiduciário, a crença ou a persuasão, a conseguir da parte do destinatário.

3. Centrando-se cada um destes relatos do nosso *corpus* que reconhecemos como de «sanção negativa» — o que será ainda mais explicado noutra parte deste trabalho — numa «infracção» que pode visar directamente a dignidade de Deus, de Jesus Cristo ou da própria Virgem, ou que se exerce contra a ordem humana querida pela instância do Destinador divino, mediada por Santa Maria, ou ainda que atinge os dois planos (o divino e o humano), será necessário que apontemos quais os vícios e pecados que são castigados, pelo menos num primeiro momento de «sanção». Aproveitando como base o contributo de Jesús Montoya, que faz uma enumeração dos principais defeitos ou vícios ou pecados castigados²³, dividiremos tais «infracções» em três grandes grupos. O primeiro diz respeito a todas as acções que atingem a dignidade do sobrenatural: assim, a «idolatria» (cantigas nos. 108 e [407]); a «blasfémia» (cantigas nos. 72, 153, 154, 316 e 317); a «incredulidade» (cantigas nos. 306' e 365); a «burla sacrílega» (cantiga no. 293); os «roubos sacrílegos» (cantigas nos. 302, 318, 326, 329); as «mortes sacrílegas» (cantiga no. 19); os «sacrilégios» (cantigas nos. 12, 34, 99, 215); e mesmo a «indiferença» (cantigas nos. 163 e 238). O segundo grupo pode ser considerado numa dimensão rasteiramente humana: a «injúria» (cantiga no. 286); o «roubo» (cantigas nos. 57' e 379); a «luxúria» e o «amor pecaminoso» (cantigas nos. 16, 42, 58, 64, 84, 94, 104', 214). Num terceiro conjunto, teremos as cantigas que atingem não só o plano sobrenatural, como o humano, isto é, as que concernem às «promessas não cumpridas» (cantigas nos. 18, 31, 35, 117 e 132); ao «juramento com mentira» (cantigas nos. 239 e 392) e ainda a «superstição» (cantigas nos. 104', 115', 128 e 208). Como vemos, trata-se de um vasto registo da ingratidão humana para com os desígnios de Deus, a exigir um castigo que, se não for definitivo, pelo menos lembre aos pecadores mortais que o «querer» divino é totalmente outro. E é nestas circunstâncias ou assuntos que todos os actores anteriormente mencionados são intervenientes, de acordo com as estratégias narrativas que convêm a estes «milagres».

Atravessando todos estes relatos, de que os já citados actores são protagonistas, alguns são os temas²⁴, como os da «ingratidão» para com Deus, a «confiança» (demasiada, segundo a perspectiva adoptada) na natureza humana, o «proveito» imediato do Homem, a «vingança» positiva (porque proveniente de Santa Maria), e alguns mais.

Para esclarecimento de temas, e, se quisermos, de subtemas, e mesmo dos assuntos, e muito frequentemente do próprio esquema narrativo, são muito pertinentes, aliás, como para todo o resto das «cantigas», os respectivos refrãos.

4. Analisando todos estes relatos que o *corpus* nos propõe, podemos chegar à conclusão de que os esquemas de superfície narrativa neles detectáveis se reduzem a dois. Mas é evidente que é muita a variedade de assuntos, de motivos, de intrigas que podemos verificar em cada um desses relatos.

Um primeiro esquema, e que encontramos em muito poucas composições, diz respeito a uma situação que podemos considerar elementar. A uma «infracção», segue-se uma sanção que se identifica com o «castigo». Algumas composições, não muitas, testemunham este «poder» de Santa Maria — são as que terminam com o próprio «castigo», e que têm o número 12, 34, 72, 99, 238, 286, 317, 318, 326, 379 e 392. São em número de onze e apresentam um esquema que poderemos apresentar da seguinte maneira:

1º [Preliminares] (Pr.);

2º Infracção (I);

3º Castigo (C);

4º [Conclusão] (Co.),

ou seja: [Pr.] + I + C + [Co.].

Escolheremos um dos «milagres» como exemplo-tipo desta primeira categoria de milagres ditos «negativos». E lembramos que é esta primeira categoria que tem de ser considerada como a mais representativa dos relatos agora estudados. A nossa opção recairá sobre a cantiga

nº 317, aquela que muito claramente diz «Como Santa Maria se vingou do escudeiro que deu couce na porta de ssa eigreja»²⁵, aliás muito conhecida, porque difundida através de antologias de poesia medieval²⁶.

Nesta composição, o próprio refrão já nos fornece um elemento esclarecedor acerca da própria «sanção»: «Mal ss' á ende achar / quen quiser desonrrar Santa Maria.» Aí se encontra registada uma primeira informação acerca do assunto e também uma indicação do tema (a «desonra» de Santa Maria), o qual vai concretizar-se, no texto, num subtema, a «agressividade» em relação ao lugar sagrado — o escudeiro que dá pontapés na porta da igreja —, e, depois, em vários motivos: a perseguição da donzela pelo escudeiro, por exemplo.

O texto do «milagre» vai, depois, adoptar todas as estratégias próprias da narrativa. Num primeiro momento de discursivização, que chamámos «Preliminares», serão manifestadas as componentes habituais da narração (de 5 a 44). Numa primeira estrofe (de 5 a 8), encontramos os elementos susceptíveis de garantir a «verosimilhança» e a apresentação do «escudeiraz peon» que era muito «felon». Seguem-se, com uma mestria verdadeiramente excepcional, a figurativização introdutória, isto é, a situação no espaço («Santa Maria do Monte», talvez em Triacastela, na Província de Lugo, segundo quer W. Mettmann); não nos esqueçamos de que a dimensão temporal já estava garantida pela «estratégia» da «verossimilhança» atrás aludida, isto é, «non á y mui gran saxon», logo completada com a observação de que se tratava em «meant' Agosto», e numa romaria, na qual se encontrava muita gente.

Dentro desta parte de «Preliminares», haverá lugar para a narração que preparará a fase mais importante da /sanção negativa/ ou «castigo». Nesta narração propriamente dita, aparecem os dois actores principais: a «moça» e o «escudeyro», aquele mesmo que já nos tinha sido apresentado, e que, como as estrofes seguintes nos informam, apaixonado, perseguia a donzela. À defesa desta acudiu toda a gente que ali presenciou o que se estava a passar («Aos braados a gente recodyu...»). Mas o escudeiro quis levar por diante os seus intentos e, porque encontrou as portas da igreja fechadas, decidiu continuar na sua «insensata» busca do «sujeito-objecto» que não queria de modo algum perder.

Aqui se situa a «infracção» principal, muito mais acentuada pelo facto de ser a continuação de uma «conquista amorosa» censurável, isto é, o querer «forçar» a «moça». A manifestação discursiva é bem clara (vv. 45-48): «E quando as portas sarradas achou, / per poucas que de sanna sandeu tornou, / e logo jurou / que a couces toda-las britaria.» Como «atrevido e sandeu» (v. 50) que era, cometeu a grande «infracção»: «e o pe ergeu / e ena porta gran couce dar ya» (vv. 52-53).

O «castigo» não se faz esperar: a voz do narrador é bem explícita — «Mais avêo-ll' en como vos eu direi» (v. 55). E o castigo foi, como quase sempre, físico, bem sentido na pele, portanto: «britou-xe-ll' a perna» (v. 56). O que, acrescente-se, não foi o suficiente, porque, como podemos encontrar bem registado na mesma cantiga, foi só o começo de males maiores: «E d'al ll' avêo aynda muy peyor: / esmoreceu con coita e con door, / e Nostro Sennor, / sen tod' aquest' a fala lle tolyla / [...] En tal guisa, que pois nunca disse ren / ergo «ai, Santa Maria». «E des en / tolleit' e sen sen / viveu gran temp' e per portas pidia» (vv. 60-68).

A conclusão é ambígua no que respeita à «interpretação» da parte dos destinatários modernos: o escudeiro diz «ai, Santa Maria», mas tal registo pode ter duas interpretações — ou ele di-lo com muita convicção, e está convertido, ou, então, fá-lo mecanicamente. O certo é que não conseguiu qualquer espécie de perdão.

A alguns séculos de distância, nós, leitores ou destinatários do século XX, podemos interrogar-nos sobre esta «estória» (e escrevemo-la bem á maneira do nosso tempo), como sobre muitas outras deste subconjunto (neste caso, primeiro grupo de composições de «narrativa e castigo», no qual predomina o «castigo» como última e definitiva «sanção»), acerca de algumas categorias da cultura medieval, principalmente as que dizem respeito à atribuição de «paixões» humanas aos entes sobrenaturais — aspecto a desenvolver tanto quanto aqueles que concernem à atribuição de «qualidades» humanas às entidades do Além.

Para todas as outras composições, no número total de trinta e uma (são as cantigas com os números 16, 18, 19, 31, 35, 42, 57, 58, 64, 84, 94, 104, 108, 115, 117, 128, [132], 153, 154, 163, 208, 214, 215, 239, 293, 302, 306, 316, 329, 365 e 407), a estrutura narrativa de superfície é mais complexa: ela continua, exigindo um arrependimento do «infractor» e, logo, um «perdão» por parte de Santa Maria, o que significa que uma segunda sanção sucede à primeira, e que agora vai restituir a «graça» ao pecador. Donde, a seguinte matriz:

- 1º [Preliminares] (Pr.);
 - 2º Infracção (I);
 - 3º Castigo (C);
 - 4º Arrependimento (A);
 - 5º Perdão (P);
 - 6º [Conclusão] (Co.),
- ou seja: [Pr.] + I + C + A + P + [Co.].

Basear-nos-emos, para este segundo esquema, numa «cantiga» que nos interessa também por outros motivos, o principal de entre os quais é, sem dúvida, o das «práticas» populares mágicas. Trata-se da cantiga nº 104, que textualmente diz: «Como Santa Maria fez aa muller que queria fazer amadoiras a seu amigo con el corpo de Jhesu-Cristo e que o tragia na touca, que lle corresse sangui da cabeça ata que o tirou ende»²⁷.

O refrão, como o da cantiga que apresentámos como exemplo do anterior esquema (ou matriz), não pode enganar-nos: «Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer, // como quen ao seu Fillo / Deus coida escarnecer.» Podemos pensar que este refrão é mais gratuito do que o anteriormente citado e dos refrãos que muitos outros do *corpus* das narrativas de «castigo» manifestam, mas ele introduz-nos num curiosíssimo (perdoe-se-nos o superlativo impressionista) caso relatado pelo Rei Sábio.

Segundo a matriz proposta, uma primeira fase se manifesta nesta composição, como exemplo de todas as outras cantigas similares: a fase dos aspectos «preliminares». De acordo com o nosso propósito, ela diz respeito aos fundamentos da «estória» ou da «intriga», isto é: «E o que o fazer coida, / creed' aquesto por mi, // que aquel escarno todo / á de tomar sobre si». E, logo, a abertura para o milagre. «E daquest' un gran miragre / vos direi, que eu oý / que fezo Santa Maria; / oyde-mio lezer» [...] (vv. 6-9).

Nestes «preliminares», há também todos os elementos respeitantes à verosimilhança — «non á y mui gran sazon» (v. 11) —, ou mesmo a localização («(a)questo foi en Galiza»). Depois, passa-se à exposição da «pequena intriga» (o que ocupa o texto desde o v. 11 até ao 30). Mas, e não há dúvida de que há muito de reprovável na situação que logo de seguida se relata: — em relação à hóstia recebida na comunhão, a dita dona «nona trociu nen passou» (v. 28), e, mais grave do que isso, «punnou quanto mais pode / de sse dali log' erger» (vv. 29-30) — vai tirar a «hóstia» da boca para a meter na «touca». Nisto consiste a fase da «infracção».

Ao entrar na vila de Caldas de Reis (Pontevedra), algo de extraordinário aconteceu à «dona» — e foi que «lle viron pelas tocas / sangue vermello correr» (v. 44). É a etapa do «castigo»...

Mas, como o texto no-lo indica, a mulher, consciente de que tinha cometido uma infracção, veio a reconsiderar sobre o seu acto e a arrepender-se: «E pos a mão nas toucas, / e sentiui e viu mui ben // que era sangue caente, / e disso assi poren: // A mi non me feriu outre / senon quenno mundo ten // en seu poder, por grand' erro / que me ll' eu fui merecer» (vv. 51-54). É o que chamamos, na nossa matriz, o «arrependimento». E tal etapa permitirá, muito sinteticamente, no plano discursivo, que Nossa Senhora perdoe (pelo menos, de forma implícita), o desvario da pobre mulher, não sem antes esta tornar público o seu erro e também o manifesto castigo (e essa será a parte do esquema que nós chamaremos «Conclusão»). O «perdão» corresponde a uma segunda «sanção», agora de sinal positivo, para o que o «sujeito infractor» se transformou num competente «sujeito merecedor»²⁸.

5. A concluir, diríamos que, neste limiar de muitos problemas que talvez outros estudiosos já tenham levantado e solucionado em relação a este fundamental *corpus*, podemos interrogar-nos sobre que concepções respeitantes a «perdão» e a «castigo» encontramos registadas neste enorme conjunto de «cantigas», principalmente quando verificamos que são mais humanas do que sobrenaturais as «reações» de Santa Maria.

Mas estamos em crer que Santa Maria se encontra muito relevantemente justificada, neste conjunto das «Cantigas»: entre tantos «milagres», isto é, cerca de quatrocentos, haver apenas quarenta e, entre esses, mais especificamente, dez, que levantem problemas de «vingança» da própria Mãe de Deus, da «Senhor das Senhores», isso constitui não só uma grande afirmação de fé, de confiança na Virgem Maria, mas também — talvez seja ousado dizê-lo — uma optimista visão da condição humana. É que este registo de poucos milagres de «sanção negativa» por parte de Afonso X e a própria maneira como o faz, talvez contribuam para uma melhor «abordagem» ou «aproximação» cultural, não só do enunciador, o próprio rei-poeta, como também da espiritualidade e cultura vigentes na época.

Santa Cruz de Benfica (Lisboa), Setembro-Outubro de 1991

Notas

¹ Para a biografia de Afonso X, tivemos sempre presente a obra de A. Ballesteros Beretta, *Alfonso X el Sabio*, Barcelona, CSIC-Salvat, 1963. No que respeita a aspectos da vida e obra de Afonso X, vide sobretudo Joseph Snow, *The Poetry of Alfonso X el Sabio, Research, Bibliographies and Checklist*, Grant and Cutler Ltd., Valencia, Gráficas Soler, 1977 e, para uma sucinta bibliografia, Jesús Montoya (ed.), *Alfonso X el Sabio — Cantigas*, Catedra, Madrid, 1988, pp. 73-89;

² Vide Giuseppe Tavani, *A Poesia Lírica Galego-Portuguesa*, Editorial Comunicação, Lisboa, 1988, p. 279.

³ Poucos têm sido, na verdade, os estudos que as «cantigas de escárnio e maldizer» mereceram aos estudiosos da «lírica trovadoresca»: quanto a este assunto, e de parte de autores portugueses, vide comentários e notas de Prof. M. Rodrigues Lapa na sua edição das *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*, 2ª ed., revista e acrescentada pelo..., Editorial Galáxia, Vigo, 1970; e Mário Martins, *A Sátira na Literatura Medieval Portuguesa (Séculos XIII e XIV)*, «Biblioteca Breve», I.C.L.P., Lisboa, 1986 (2ª ed.); das contribuições últimas de estudiosos portugueses, vide António Manuel Branco, «O 'obsceno' em Afonso X: Espaço Privilegiado do Exercício Literário», *Colóquio — Letras*, nº 115-116, Maio-Agosto de 1990, pp. 65-72.

⁴ Sobre este aspecto, vide o nosso «Bocage e a sua Poesia — Notas de um 'simples e atento' leitor», texto de uma conferência pronunciada no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal, em 15 de Setembro de 1991 (a publicar, em «plaquette», pela mesma Câmara Municipal de Setúbal).

⁵ Utilizamos a ed. de Walter Mettmann, da «Clásicos Castalia», 3 vols., Madrid, 1987, 1988 e 1989. É evidente que tivemos em linha de conta a bibliografia apresentada por Mettmann, quer no vol. I (pp. 45 ss.), quer o «suplemento», no vol. III (pp. 379 ss.).

⁶ Vide Luciano Rossi, *A Literatura Novelística na Idade Média Portuguesa*, «Biblioteca Breve», I.C.L.P., Lisboa, 1979, pp. 27-33.

⁷ Indicamo-las num anexo (vide Anexo A).

⁸ Julgamos que o aproveitamento das *Cantigas de Santa Maria* completaria, em alguns aspectos, a visão que da «vida quotidiana» A. H. de Oliveira Marques nos fornece na sua excelente *A Sociedade Medieval Portuguesa — Aspectos de Vida Quotidiana* (seguimos a edição da Livr. Sá da Costa, Lisboa, 4ª ed., 1981)

⁹ Vide Anexo A.

¹⁰ Cf. cantigas nos. 18, 57, 64, 84, 104, 117, 153, 163, 239, 392 e 407.

¹¹ Cf. cantigas nos. 12, 34, 99, 108, 208, 215, 286, 306 e 329.

¹² Cf. cantigas nos. 16, 19, 42, 58, 84, 94, 99, 132, 214, 286, 316, 317, 318 e 365.

¹³ Cf. cantigas nos. 31, 35, 57, 72, 128, 154, 163, 238, 293, 326 e 379.

¹⁴ Cf. cantigas nos. 16, 19, 57, 64, 104, 108, 115 e 239.

¹⁵ Cf. cantigas nos. 18, 31, 128, 208 e 326.

¹⁶ Cf. cantigas nos. 12, 34, 35, 42, 64, 99, 104, 154, 163, 238, 293 e 318.

¹⁷ Cf. cantigas nos. 19, 94, 104, 214, 286, 302, 316, 317, 329 e 365.

¹⁸ Cf. cantigas nos. 57, 153 e 317.

¹⁹ Cf. cantigas nos. 99, 154, 286 e 376.

²⁰ Cf. cantigas nos. 12, 31, 57, 117, 153, 163, 208, 239, 302, 306, 317, 326, 365, 379 e 392.

²¹ Cf. cantigas nos. 12, 57, 153, 163 e 317.

²² Para isso, nota-se o emprego de expressões como «non á y mui gran sazón» ou, então, a situação precisa no espaço: «Esto foi en Catalonna».

²³ Jesús Montoya, *op. cit.*, p. 42. A divisão em três grupos é de nossa iniciativa.

²⁴ Tomamos aqui «tema» como o núcleo de sentido mais abstracto, situado ao nível mais profundo do discurso de um texto.

²⁵ Vide Anexo B.

²⁶ Por exemplo, em Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos, *A Lírica Galego-Portuguesa (Textos Escolhidos)*, Apresentação crítica, selecção, notas, etc., de..., Editorial Comunicação, Lisboa, 2ª ed., 1985, pp. 208-209.

²⁷ Vide Anexo C.

²⁸ O termo «sanção» e mesmo o adjectivo «competente» são aqui tomados em sentido muito próximo do que têm na teoria do «esquema canónico» da «estrutura narrativa de superfície», que equivale ao nível das «estruturas semio-narrativas» no «percurso generativo» da Semiótica greimasiana (Vide estes termos nas suas correspondentes formas francesas em A.-J. Greimas e J. Courtés, *Sémiotique — Dictionnaire Raisonné de la Théorie du Langage*, Hachette, Paris, 1979).

Anexo A

Cantigas de Santa Maria

Lista das cantigas narrativas com milagres de «sanção negativa»:

12. Como Santa Maria se queixou en Toledo eno día de sa festa de Agosto, porque os judeus cruxifigavan hũa ymagen de çera a semellança de seu Fillo;

16. Como Santa Maria converteu un cavaleiro namorado, que s'ouver' a desasperar porque non podia aver sa amiga;

18. Como Santa Maria fez fazer aos babous que crian a seda duas toucas, por[que] a dona que os guardava lle prometera hũa e non lla dera;

19. Como Santa Maria fillou vingança dos tres cavaleiros que mataron seu ãemigo ant' o seu altar;

31. Como Santa Maria levou o boy do aldeão de Segobia que ll' avia prometudo e non llo queria dar;

34. Como Santa Maria fillou dereito do judeu pola desonrra que fezera a sua omagem;

35. Como Santa Maria fez queimar a lã aos mercadores que offereran algo a sua omagem, e llo tomaran depois;

42. Como o *crerizon* meteu o anel no dedo da *omagem de Santa Maria*, e a *omagem* encolleu o dedo con el;

57. Como Santa Maria fez guareçer os *ladrões* que foran tolleitos porque roubavan hũa dona e sa conpan[n]a que yan en romaria a Monssarraz;

58. Como Santa Maria desviou aa monja que sse non fosse con un cavaleiro;

64. Como a moller que o marido leixara encomendada a Santa Maria non podo a çapata, que lle dera seu entendedor, meter;

72. Como o demo matou a un tafur que *doestou* a Santa Maria porque perdera;

84. Como Santa Maria resuscitou a moller do cavaleiro, que sse matara porque lle disse o cavaleiro que amava mais outra ca ela;

94. Como Santa Maria serviu em logar de monja que sse foi do *môesteiro*;

99. Como Santa Maria destruyu un gran poboo de mouros que entraran hũa vila de *crischãos* e querian desfazer as ssas omagens;

104. Como Santa Maria fez aa moller que queria fazer amadoiras a seu amigo con el corpo de Jhesu-Cristo e que o tragia na touca, que lle corresse sangui da cabeça ata que o tirou ende;

108. Como Santa Maria fez que nacesse o fillo do judeo o rostro atras, como llo Merlin rogara;

115. Esta é como Santa Maria tolleu ao demo o minño que lle dera sa madre con sanna de seu marido, porque concebera del dia de pascoa;

117. Como hũa moller prometera que non lavrasse no sabado e per seu pecado lavrou, e foi logo tolleita das mãos; e poren mandou-sse levar a Santa Maria de Chartres, e foi guarida;

128. Esta é do Corpo de Nostro Sennor, que un vilão metera en hũa sa colmeã por aver muito mel e muita cera; e ao catar do mel mostrou-sse que era Santa Maria con seu fill' en braço;

[132]. Como Santa Maria fez ao crerigo que lle prometera castidade e sse casara que leixasse ssa moller e a fosse servir.

153. Como hũa moller de Gasconna, que desdennava a romaria de Santa Maria de Rocamador, disse que, sse a alá non levass' hũa sela en que siia, que nunca yria alá;

154. Como un tafur tirou con hũa baesta hũa saeta contra o ceo con sanna porque perdera, e cuidava que fi[ri]ria a Deus ou [a] Santa Maria;

163. Como uun ome d'Oscá, que jogava os dados, descreeu en Santa Maria e perdeu logo a fala; e foi a Santa Maria de Salas en romaria e cobró-a;

208. Como ũu erege de Tolosa meteu o Corpo de Deus na colmeã e deu-o aas abellas que o comessen;

214. Como Santa Maria fez a un cavaleiro que gãasse hũa ygreja que lle prometera;

215. Como Santa Maria guardou a sa Majestade que non recebesse dano de muitos tormentos que lle fazían os mouros;

238. Como Deus se vingou dun jogar tafur que jogava os dados e porque perdera descreeu en Deus e en Santa Maria;

239. Esta é dun miragre que Santa Maria fez en Murça por un ome que deu seu aver a guardar a outro, e negou-llo e jurou-lle por el ant' a Magestade;

286. Esta é como caeu o portal sobre dous judeus que escarnecian a un ome bõo;

293. Como un jogar quis remedar como siia a omagen de Santa Maria, e torçeu-se-lle a boca e o braço;

302. Como Santa Maria de Monsarrat descubriu un furto que se fez na sa ygreja;

306. [C]omo Santa Maria fez converter un erege en Roma que dizia que Santa Maria non podia seer virgen e aver fillo;

316. Como Santa Maria fillou vingança no cerigo que mandou queimar a hermda, e fez-lla fazer nova;

317. Como Santa Maria se vingou do escudeiro que deu couce na porta da ssa eigreja;

318. Como Santa Maria sse vingou do crerigo que furtou a prata da cruz;

326. Como Santa Maria de Tudia prendeu os ladrões que lle furtaron as colmeãs;

329. Como Deus fez a un mouro que fillou a oferta do altar de Santa Maria que se non mudasse do logar;

365. [Esta. CCC e LXV. é como Santa Maria tirou de dulta un frade noviço que dizia que a alma non era nada, no *môeste[i]ro* de Fontefria en Narbona.];

379. [C]omo Santa Maria do Porto se vengou dos cos[s]arios do mar que roubavam os omees que viin[n]an pobrar en aquela sa vila;

407. Esta XIIª é como Santa Maria fez veer ao ome que cegara porque se comendara ao demo.

Cantiga nº 317

*Mal ss' á end' achar
quen quiser desonrrar Santa Maria*

Como s'achou, non á y mui gran sazon, 5
 en Galiza un escudeiraz peon
 que quis mui felon
 brita-la eigreja con felonía.
Mal ss' á end' achar...

Santa Maria a hermda nom'á 10
do Monte, porque en logar alt' está;
e foron alá
de gentes enton mui gran romaria
Mal ss' á end' achar...

[En hua festa, per com' eu aprendi, 15
de meant' Agosto. E pois chegou y
gran gent', e des i
começaron a teer sa vigia.
Mal ss' á end' achar...]

O escudeyro que vos dixeu chegou
e viu hua moça, de que sse pagou,
que forçar cuidou;
mais ela per ren non llo consentia.
Mal ss' á end' achar...

E travando dela cuidou-a forçar; 25
 mais prougu' a Deus [e] nono pod' acabar,
 ca foi-ll' escapar
 e fogind' á eigreja sse collya.
Mal ss' á end' achar...

Aos braados a gente recodyu, 30
e a minyã mercee lles pediu
que daquel que viu
a quisesen guardar de ssa perfia.
Mal ss' á end' achar...

As gentes, temendo de lles viir mal, 35
forons sarra-las portas logo sen al,
e chamando: «Val,
Madre de Deus, ca mester nos seria.»
Mal ss' á end' achar...

O escudeiro, tanto que viu fugir 40
a moça, leixou-sse depos ela ir
dizendo: «Guarir
non me podes, rapariga sandia.»
Mal ss' á end' achar...

E quando as portas sarradas achou, 45
per poucas que de sanna sandeu tornou,
e logo jurou
que a couces toda-las britaria.
Mal ss' á end' achar...

E como era atrevudo e sandeu, 50
quis acabar aquilo que prometeu,
e o pe ergeu
e ena porta gran couce dar ya.
Mal ss' á end' achar...

Mais avẽo-ll' en como vos eu direi: 55
britou-xe-ll' a perna, segund' apres' ey,
per prazer do Rey,
Fillo da Virgen, a que desprazya.
Mal ss' á end' achar...

E d' al ll' avẽo aynda muy peyor: 60
esmoreceu con coita e con door,
e Nostro Sennor
sen tod' aquest' a fala lle tollya
Mal ss' á end' achar...

En tal guisa, que pois nunca disse ren 65
ergo «ai, Santa Maria». E des en
tolleít' e sen sen
viveu gran temp' e per portas pidia.
Mal ss' á end' achar...

Anexo C

Cantiga nº 104

Como Santa Maria fez aa moller que queria fazer
amadoiras a seu amigo con el corpo de Jhesu-Cristo e
que o tragia na touca, que lle corresse sangui da
cabeça ata que o tirou ende.

- Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer,
como quen ao seu Fillo / Deus coida escarnecer.* 5
- E o que o fazer coida, / creed' aquesto por mi,
que aquel escarno todo / á de tornar sobre si.
E daquest' un gran miragre / vos direi, que oý
que fezo Santa Maria; / oyde-mio lezer:
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 10
- Aquesto foi en Galiza, / non á y mui gran sazón,
que hũa ssa barragãa / ouve un escudeiron;
e por quanto s' el casara, / tan gran pesar ouv' enton,
que con gran coita ouvera / o siso end' a perder.
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 15
- E con gran pesar que ouve / foi seu consello buscar
enas outras sas vezías, / e atal llo foron dar:
que sol que ela podesse / hũa ostia furtar
das da eigreja, que logo / o poderia aver,
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 20
- Pois que lle tal ben quera. / E ela toste, sen al,
foi-sse a hũa eigreja / da Virgen espirital,
que nas nossas grandes coitas / nos guarda senpre de mal,
e diss' enton que quera / logo comoyon prender.
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 25
- E o crerigo sen arte / de a comungar coidou:
mai-la ostia na boca / aquesta moller guardou,
que per nehũa maneira / nona trociu nen passou,
e punnou quanto mais pode / de sse dali log' erger.
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 30
- Pois que sayu da eigreja, / os dedos enton meteu
ena boca e tan toste / tirou-a end' e odeu
a ostia ena touca; / e nada non atendeu,
ante se foi mui' agynna / por provar est' e veer
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 35
- Se lle disseran verdade / ou se lle foran mentir
aquelas que lle disseran / que lle farian vñir
log' a ela seu amigo / e ja mais nunca partir
dela se ja poderia, / e de con ela viver.
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 40
- E entrant' a hũa vila / que dizen Caldas de Rey,
ond' aquesta moller era, / per com' end' eu apres' ey,
avẽo en mui gran cousa / que vos ora contarey;
ca lle viron pelas toucas / sangue vermello correr.
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 45
- E a gent' enton dizia, / quando aquel sangue viu:
«Di, moller, que foi aquesto, / ou quen te tan mal feriu?»
E ela maravillada / foi tanto que est' oyu,
assi que nunca lles soube / nihũa ren responder.
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 50

E pos a mão nas toucas, / e sentiu e viu mui ben
que era sangue caente, / e disse assi poren:
«A mi non me feriu outre / senon queno mundo ten
en seu poder, por grand' erro / que me ll' eu fui merecer».
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 55

Enton contou-lles o feito, / tremendo con gran pavor,
todo como ll' avëera; / e deron poren loor
todos a Santa Maria, / Madre de Nostro Sennor,
e a seu Fillo bñeyto, / chorando con gran prazer.
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 60

A moller se tornou log[o] / á eigreja outra vez,
e deitou-ss' ant' a omagen / e disse: «Sennor de prez,
non cates a meu pecado / que mi o demo fazer fez.»
E log' a un mōesteiro / se tornou monja meter.
Nunca ja pod' aa Virgen / ome tal pesar fazer... 65